O Poço do Visconde – Monteiro Lobato

Em “O poço do Visconde”, o escritor Monteiro Lobato, interessado na divulgação da Geologia para estudo dos recursos naturais nacionais, em particular o petróleo, colocou o personagem Visconde de Sabugosa a estudar e ensinar esta ciência aos meninos do sítio do Pica-Pau Amarelo. Em certa passagem do livro, o Visconde leva os meninos (e a boneca Emília, naturalmente) para uma aula de campo. A seguinte transcrição do livro mostra bem o que os estudiosos da Geologia fazem ao observar um afloramento de rochas, de sedimentos, de solos, ou uma paisagem. Ao comparar com a história de James Hutton, para quem a observação de afloramentos e paisagens levou a estabelecer os princípios da Geologia, podemos verificar a grande importância da observação prática e das atividades de campo para o estudo e a prática desta ciência. Pois bem, no livro de Monteiro Lobato, o personagem Visconde tentava explicar como estudar Geologia no campo: ...

"— Temos de procurar barrancos, margens de rios, morros com perambeiras ou boçorocas — pontos onde a terra esteja esburacada e despida de vegetação. Só aí encontraremos rochas a descoberto. — Pois vamos a isso, então. A um quilômetro dali havia um morro com grande desbarrancado — a ‘barreira’, como se dizia no sítio. O Visconde levou-os para lá. Diante da barreira, parou e sorriu. Os meninos entreolharam-se. Não compreendiam que o Visconde encontrasse matéria para sorriso num barranco feio como todos os demais. — Que gosto é esse, Visconde? — perguntou Emília.

 — Ah, o sorriso que tenho nos lábios é um sorriso geológico — o sorriso de quem sabe, olha, vê e compreende. Este barranco é para mim um livro aberto, uma página da história da terra na qual leio mil coisas interessantíssimas. — É um dos barrancos mais lindos que já vi — continuou o sábio. — Observem atentamente estas superposições de camadas. Temos aqui uma série de camadas paralelas. Estão superpostas, isto é, uma em cima da outra, e são constituídas de rochas diferentes. — E que tem isso? — Tem um colosso de coisas. Tem, em primeiro lugar, que são camadas de rochas sedimentares, produzidas por depósitos formados no fundo d'água. — Fundo d'água? Pois o sítio de vovó já foi fundo d'água? — Claro que sim, Pedrinho. Leio isso neste barranco. Temos cá uma camada de pedregulho, ou pedras que se foram fragmentando e rolando no fundo dos rios até ficarem sem arestas; depois se depositaram em qualquer fundo de água sem correnteza. Mas notem que estes pedregulhos já não estão soltos, como os de fundo de rio. Estão grudados uns aos outros, soldados, cimentados entre si.

— Com que cimento? — quis saber Narizinho. — Evidentemente um cimento calcário — respondeu o Visconde. — Os calcários dissolvem-se na água; mas a cal da água vai se depositando entre as pedrinhas até que as liga, tal qual o pedreiro liga os tijolos com o reboco. E sabem como se chama uma rocha assim, feita de pedaços de rocha cimentados entre si? Ninguém sabia. — Chama-se um conglomerado — explicou o Visconde. E apontando para a camada que ficava em cima daquela: — E esta rocha aqui também não deixa de ser um conglomerado, apesar de ter o nome de arenito. É composta de areia com os grãozinhos igualmente soldados entre si por um cimento qualquer. Reparem que forma uma rocha um tanto quebradiça. Pedrinho havia destacado um fragmento do arenito, que andou de mão em mão. — É mesmo — disse Narizinho, quando chegou sua vez de examiná-lo. — Vê-se perfeitamente que é formado de grãos de areia. — Pois é outra rocha sedimentar — explicou o Visconde...”